

As filhinhas de papai: a relação dos homens com suas filhas

Juan Carlos Volnovich

Este trabalho procura entender as relações de gênero dentro das duas instituições psicanalíticas transnacionais (IPA e AMP) em suas respectivas posições teóricas, tomando por base os intrigantes encontros de Freud e Lacan com suas filhas caçulas, Anna e Judith.

Quem se aproxima atualmente do universo da psicanálise se depara com um campo dominado pela Associação Psicanalítica Internacional e a Associação Mundial de Psicanálise (IPA e AMP), as duas grandes transnacionais que administram o poder e monopolizam o saber psicanalítico.

O poder da IPA, associação fundada por Freud, foi a herança que recebeu Anna, sua filha caçula.

O poder da AMP foi construído com a herança que Lacan legou também à sua filha mais nova, Judith, e a seu marido, Jacques Alain Miller.

Como estas filhas conseguiram se apropriar e continuar o empreendimento de seus pais? De que maneira

elas levaram adiante esta iniciativa? Isto é, até que ponto completaram o projeto interrompido, até que ponto o traíram? Este é nosso tema. Sendo assim, para aludir à paternidade, à filiação e às gerações, falarei da relação dos homens com suas filhas – de Freud e Anna, de Lacan e Judith – neste artigo que tem como título “As filhinhas de papai”.

Para tanto, farei um desvio pela narrativa clássica. Freud foi muito explícito ao descrever as diferenças que existem entre a estruturação da identidade sexual dos

Juan Carlos Volnovich é psicanalista formado pela APA, da qual se desligou em 1971 (Grupo Plataforma). Trabalhou em Cuba (1976-1983), e colaborou com organismos de direitos humanos, como as *Abuelas de Plaza de Mayo*.

meninos e a da identidade sexual das meninas: quando o menino encerra seu Édipo, em função da ameaça de castração, a menina o inaugura. O que quer dizer que, espoliada por sua mãe, sabendo-a castrada (não castrada, *denegrida*), a menina recorre ao pai, na busca daqueles atributos que lhe permitam construir uma identidade mais valorizada.

Dependendo de como o pai a receba, do encontro que se produza entre eles, dependerá o futuro da menina.

O futuro da menina dependerá do encontro que se produza entre ela e o pai.

Simplificando muito as coisas, poderíamos supor destinos opostos para o caso em que o pai se encontra com sua filha com olhos patriarcais, daquele em que o pai a recebe com um olhar feminista. Ou seja, uma coisa é que esta menina se instale no lugar de “filhinha do papai”, “coisinha linda”, “boneca graciosa”, objeto digno de ser cuidado e protegido, “menina dos olhos”, a quem o pai deverá dar um dote, para que tome a comunhão com um vestido branco, para que, ao completar seus quinze anos, brilhe com seu vestido rosa numa festa jubilosa,

para que, finalmente, se case, usando um outro vestido branco, rematado com tules e flores de laranjeira. Outra coisa muito diferente acontecerá se o pai conseguir inscrevê-la como “filhinha do papai”, cupincha de suas aventuras intelectuais, companheira na prática de esportes, cúmplice em suas próprias iniciativas empresariais, destinatária de um projeto de desempenho de trabalho que lhe permita ganhar a vida de maneira independente e autônoma.¹

Existem, assim, pelo menos dois significados precisos e contraditórios para a expressão “filhinha de papai”.

Anna

Freud teve seis filhos: Mathilde (1887), Jean Martin (1889), Olivier (1891), Ernst (1892), Sophie (1893) e Anna (1895).

A filha favorita, a preferida de Freud, não foi nem Mathilde, nem Anna. Foi, sem dúvida, Sophie. Mas Sophie faleceu prematuramente, aos vinte e seis anos, de uma gripe que se transformou em pneumonia, quando estava grávida de seu terceiro filho. Poucos anos antes, Freud descobrira Anna² – que tinha então dezoito anos – quando Sophie o “abandonou” pelo fotógrafo Max Halberstadt, que a levou para Hamburgo, quando se casou com ela.³

“Anna é minha Cordélia, a devota caçula do Rei Lear”.⁴

“Anna é a mais talentosa e a mais completa de meus filhos”.⁵

“Anna é meu único filho verdadeiro”.⁶

“Anna é minha Antígona, aquela que em ‘Édipo em Colono’ guia o pai cego pela mão”.⁷

“Anna é mais forte do que eu”.⁸

Todas estas, expressões retiradas do vasto epistolário de Freud.

Já velho e enfermo, em carta a Arnold Zweig, de 13 de fevereiro de 1935, Freud escreve: “O único

ponto luminoso de minha vida se deve aos descobrimentos psicanalíticos que minha filha Anna tem realizado”.⁹

Dizia antes que Freud a descobriu quando Anna contava com dezoito anos. E, aos dezenove (1914), a enviou a Londres, onde se encontraria com Ernest Jones¹⁰, seu discípulo que, nesta época, tinha trinta e cinco anos. Enviou-a com uma carta protetora – e desconcertante – dirigida a Jones, que dizia:

“Ela é a mais dotada de meus filhos e, ademais, tem um caráter precioso, pleno de interesse em aprender, ver coisas e compreender o mundo. Ela não pretende ser tratada como mulher, está muito distante de desejar envolvimento sexual (...). Existe um acordo expresso entre nós. Anna não pensará em casamento, ou em seus preliminares, antes que se passem, pelo menos, dois ou três anos. E eu não creio que ela vá romper este pacto.”¹¹

Ao citar este comentário acerca de uma senhorita de dezoito anos que não “alimenta interesse sexual algum”, Peter Gay afirma que este parece ter sido escrito por um burguês convencional do final do século, que jamais leu Freud.¹²

Freud descobriu Anna quando esta contava com dezoito anos, mas a devoção de Anna por seu pai remonta à sua primeira infância. Desde muito jovem, do seu lugar de “patinho feio”, Anna admirou incondicionalmente o pai: escutava, devorava tudo aquilo que Freud dizia e escrevia. Chegado o momento, quis estudar medicina para formar-se como psicanalista, mas Freud a dissuadiu e Anna, durante seis anos, estudou para se tornar professora e educadora no Liceu Cottage.

Seguindo com a narrativa clássica, se a menina procura o pai em busca da equação pênis-bebê, Anna encontrou seu lugar na psicanálise a partir das crianças. Seus primei-

ros pacientes foram seus sobrinhos, Ernst (o menino do *fort-da*) e Heinele, os filhos órfãos de Sophie.¹³

A filha, a mais fiel discípula do mestre, a aluna mais entusiasta, iniciou uma análise com Freud em 1918, aos vinte e três anos; análise que se prolongou até 1921 e que foi retomada, depois, em 1924.¹⁴ O que quer dizer que Freud analisou simultaneamente Anna e a paciente que ensejou a publicação, em 1920, de “A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher”. O que quer dizer, também, que Freud analisou Anna depois de publicar seus taxativos “Conselhos aos médicos que exercem psicanálise”(1912).

“A resolução da transferência – uma das principais finalidades de nosso tratamento – se vê dificultada por uma atitude íntima do médico, de modo que qualquer vantagem conseguida no início se vê prejudicada no final. O médico deve ser opaco para o paciente e, como um espelho, não deve apresentar nada mais do que aquilo que é mostrado (...). O tratamento tem que ser conduzido em abstinência.”

Pois bem, nada menos opaco, nada mais íntimo, que um pai frente ao amor de uma filha devota a quem se deu a insígnia da confiança e a entrega total de sua privacidade. Nada mais íntimo que uma filha incitada a contar tudo, livre de censuras e pudores.¹⁵

Da análise de Anna com Freud surgiram dois trabalhos: um de Freud, “Uma criança é espancada: contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais” (1919).¹⁶ O outro de Anna, “Fantasias de flagelação e devaneios diurnos” (1922), texto que serviu como carta de apresentação para que ela fosse aceita na Sociedade Psicanalítica de Viena (em 31 de maio de 1922). A idéia central de ambos os ensaios foi baseada no “material” analítico de Anna.¹⁷

Testemunho dos castigos corporais que Freud infligiu a Ernst, seu filho, desde o divã, Anna confia ao pai a excitação sexual que o fato lhe produz e a masturbação compulsiva que esta situação desencadeou. Freud explica, então, as etapas pelas quais Anna passa: primeiro, “bate-se numa criança”; segundo, “por identificação, o desejo de que meu pai bata também em mim”; terceiro, “o masoquismo feminino alenta a fantasia masturbatória”.

De sua parte, escreve Anna:

“As fantasias de flagelação nascem como substitutas de uma cena incestuosa com o pai que foi distorcida pela repressão. Mas este tipo de perversão sado-masoquista infantil não persiste para sempre; pode transformar-se e sublimar-se (...).”

Ensaio de pai e de filha. Estudos sobre a sublimação, sublimação no ato do incesto. Estes textos dos dois Freud, Sigmund e Anna, são o testemunho eloquente desta aliança intelectual, deste pacto clandestino.

Segredo que permitiu a Anna deixar de ser a secretária de seu pai para converter-se em sua principal interlocutora. Postulada como herdeira privilegiada da psicanálise, consagrou-se como tal quando, no octogésimo aniversário de Freud, depositou nas mãos de seu pai o presente mais prezado: O *ego* e os *mecanismos de defesa*. Como enfermeira impecável, como filha solícita, como mãe abnegada, como esposa fiel, cuidou de Freud até o último momento.

Depois da morte de Freud, ampliou o poder da psicanálise, resistiu ao enfrentamento com Melanie Klein e, dirigindo com mão de ferro a IPA, por meio de seus três discípulos, Hartmann, Kris e Lowenstein, inundou os Estados Unidos com psicanálise.

Anna, *the Jewish princess*, a princesa da psicanálise, herdeira de

uma disciplina que desafiou a moral vitoriana com uma proposta de liberação sexual, nunca se casou, morreu virgem sob a forte “suspeita” de lesbianismo¹⁸, e jamais abandonou o sobrenome do pai. Protagonizou o que foi, talvez, o episódio mais escabroso – mais incestuoso – da história da psicanálise.

Anna administrou
o capital e
o poder deixados
pelo pai,
mas pagou esta dívida
com a negação
de sua sexualidade.

Protagonizou, também, aquele que foi, talvez, o pacto mais audaz, a cumplicidade intelectual mais arriscada, a aventura mais temerária que um pai poderia levar adiante com sua filha; pacto - análise - alicerçado numa repressão monumental. Este significante, *Freud*, foi, ao mesmo tempo, o nome que lhe abriu um mundo público e lhe fechou um mundo privado. Anna, que administrou o capital deixado por seu pai e soube exercer o poder para ampliar os domínios de seu império, pagou com a negação de sua sexualidade o preço da dívida contraída. A maneira enviesada como desenvolveu o projeto freudiano, a

Judith,
herdeira de uma teoria
que fez da
metáfora paterna o
significante supremo,
delegou a seu
homem a tarefa de
administrar o
império recebido.

seleção que fez dos textos de seu pai, a amputação curiosa da teoria da sedução, que logo depois de sua morte veio à luz, é o tema que ficará pendente para que passemos a...

Judith

Lacan teve quatro filhos. Três deles, Caroline (1936), Thibaut (1938) e Sibylle (1940), com Marie-Louise “Malou” Blondin. A quarta, Judith (1941), com uma judia, Sylvia Maklès. Em realidade, 1940 foi o ano em que duas mulheres, simultaneamente, ficaram grávidas de Lacan. Sibylle – a filha de Lacan com “Malou” Blondin – nasceu poucos meses antes de Judith. Judith Sophie, a filha de Lacan com Sylvia, foi registrada na prefeitura de Antibes, em 3 de julho de 1941, durante os piores momentos da ocupação alemã, sob o nome de Judith Bataille, já que sua mãe ainda estava casada com Georges Bataille. Judith, impedida de usar o Lacan de seu pai (a lei francesa proíbe o reconhecimento de um

filho nascido de outra mulher) carregou, assim, o nome de um pai que não era o seu. O sobrenome judeu da mãe, Maklès, havia sido um transtorno nas épocas de anti-semitismo militante.¹⁹

Lacan manteve suas duas famílias separadas, de maneira tal que Caroline, Thibaut e Sibylle ignoraram, durante muitos anos, a existência de Judith, sua meia-irmã. Mas, apesar de usarem o seu sobrenome, nem Caroline nem Sibylle foram as suas preferidas. Judith é quem foi. Era com ela que Lacan convivia e revivia, defronte dos olhos de quem quisesse ver, um idílio intenso e, talvez um tanto exageradamente edípico. E assim é que, apesar do ateísmo militante de Lacan e do judaísmo de sua mãe, Judith tomou a comunhão e foi inscrita num colégio religioso.

Em 1953, quando Lacan se casou com Sylvia, disparou-se uma verdadeira confusão legal e um desopilante conflito de filiações. Sylvia mudou para *Lacan* seu sobrenome *Bataille*. Passou a ser Sylvia Lacan. Judith, que conservou seu nome (Judith Bataille) se converteu em enteada de quem, em realidade, era seu pai, e em filha da madrasta de Caroline, Thibaut e Sibylle, de quem era, em realidade, meia-irmã. Seguiu sendo irmã, em pleno direito, de Laurence, a filha de Sylvia com Bataille, quando era apenas sua meia-irmã, e passou a ser meia-irmã da nova filha de Bataille, Julie, com quem, em realidade, não tinha laço de sangue algum.

Elizabeth Roudinesco conta que Lacan tinha verdadeira adoração por Judith e que sofria amargamente por não lhe ter dado seu sobrenome. Consagrou-lhe, sim, um amor exclusivo enquanto a via crescer. Desde muito pequena, Lacan a integrou ao núcleo dos intelectuais que o freqüentavam e a incorporou ao círculo de seus discípulos. Judith, de sua parte, correspondeu com ar-

rebatamento a este amor. Vivía envolta por este deus de uma generosidade sem fissuras para ela, rendendo-lhe culto ao herói que valentemente triunfava sobre seus adversários, sempre exposto a ser traído por seus alunos. “Bastarda”, sabendo-se a preferida de seu pai, sofreu pela ilegitimidade de sua filiação. É importante marcar aqui que também Judith não chegou a estudar medicina, mas graduou-se em filosofia com as mais altas honras.

Assim, em 1962, depois da morte de Georges Bataille, Lacan pediu ao advogado Roland Dumas para que providenciasse, na justiça, a troca de sobrenome de Judith. É curioso que tenha conseguido fazer esta alteração – Judith Bataille passou a ser Judith Lacan – no mesmo dia em que Lacan pronunciou seu discurso sobre “A Excomunhão”. Isto é, no dia em que renunciou à IPA com seu seminário, conhecido como seu último seminário (já que foi o último como membro da IPA) e cujo título é *Os nomes do Pai*. Lacan deu seu sobrenome à filha, e simultaneamente fundou, sob o eufemismo de “freudiana”, a escola lacaniana que inaugurava. Naquele quinze de janeiro, enquanto Lacan dava seu seminário, Judith conheceu um jovem de dezenove anos que se encontrava no público: Jacques Alain Miller.

Lacan nomeou Judith, Judith Lacan, e em 1980 a consagrou em seu testamento como herdeira universal de toda a sua obra, restringindo os direitos de seus outros herdeiros. Designou também Miller como seu testamentário, com plena liberdade sobre a edição de seus textos, e lhe outorgou o controle jurídico, financeiro e teórico sobre seu patrimônio.

Judith, a outra princesa da psicanálise, herdeira de uma teoria que promove a subversão do sujeito e que fez da metáfora paterna o significante supremo, sim se casou, mas só levou por dois anos de sua

vida o sobrenome do pai. Foi até os vinte e três anos Judith Bataille, e posteriormente Judith Miller. Como Anna, protagonizou uma história, se não escabrosa, ao menos desconcertante. A herdeira da psicanálise lacaniana, a encarregada de transmitir o legado psicanalítico de seu pai, jamais se analisou; e, sendo excepcionalmente dotada, delegou a seu homem, a Miller, a tarefa de administrar o império recebido.

Conclusões

Comecei dizendo que, hoje em dia, aproximar-se do universo da psicanálise supõe transitar por um campo dominado pela Associação Psicanalítica Internacional e pela Associação Mundial da Psicanálise (IPA e AMP), as duas grandes transnacionais que administram o poder e monopolizam o saber psicanalítico.

Disse também que o poder da IPA, a associação que Freud fundou, foi a herança que recebeu Anna, sua filha caçula, e que o poder da AMP foi construído com a herança que Lacan legou à sua filha mais nova, Judith, e a seu marido, Jacques Alain Miller.

Pois bem, guiado pelo interesse nas teorias do gênero que desafiam a psicanálise, quis ressaltar as semelhanças e as diferenças que tiveram Freud e Lacan, os dois grandes pais da psicanálise, com suas filhas, ambas convertidas em herdeiras. Está claro que, quando aludo à expressão “filhinhas de papai,” o faço num sentido ambíguo, que diz respeito tanto à Anna e Judith, como à IPA e à AMP, instituições que também poderiam ser consideradas como “filhinhas de papai”.

Como circulam as teorias relativas ao gênero nestas instituições? Qual é a abertura da IPA ao feminismo contemporâneo, posto que ambos - IPA e feminismo - são produtos predominantemente anglo-

saxões? Como a AMP incorpora a tarefa de revisar criticamente os estereótipos patriarcais dos quais se tornou tributária a teoria lacaniana? Que política feminista poderia existir na IPA e na AMP? Quem se dispôs a refletir sobre a maneira particular que adquire o sexismo nas instituições psicanalíticas, instituições que foram fundadas

Não seria
o edifício conceitual
da psicanálise uma
tentativa de
restituir ao pai o poder
perdido nas
últimas décadas?

para guardar zelosamente e enaltecer a produção do “pai” e que, com sua morte, passou para as mãos de suas filhas?

Para uma teoria da subversão do sujeito, para um projeto de emancipação que passe pela desconstrução das diferenças e das desigualdades entre homens e mulheres, quem traz mais recursos teóricos, Freud ou Lacan?

Estas – e outras – interrogações vão nos levando a uma suspeita crucial:

O edifício conceitual psicanalítico, reatualizado pelo sofisticado discurso lacaniano, não será outra coisa que uma tentativa de *restituir ao pai o poder perdido nestas últimas décadas*, décadas marcadas por enormes transformações na

correlação de forças entre homens e mulheres que caracteriza o patriarcado?

Para investigar esta questão, deveríamos começar recordando que Lacan sustenta – com Freud e Lévi-Strauss – que a interiorização do tabu do incesto é o ato que funda a cultura. Daí a necessidade da intervenção de uma força externa que procure desmontar a poderosa relação que une a criança com sua mãe. Esta força, claro está, é o pai.

Dito desta maneira, supõe-se que nada de interno, na mãe ou no filho, pode garantir que se separem. Assim, a lei paterna é concebida como um dispositivo que vem de fora, do exterior, e, ao forçar a criança a romper com a simbiose primordial materna, a habilita, em Nome do Pai, a inscrever-se no universo simbólico. Só que o vezo lingüístico de Lacan faz das culturas o equivalente de *A Cultura* e encobre, com a estrutura e os efeitos supostamente universais e a-históricos da lógica da linguagem, a possibilidade de desconstrução da cultura e das relações sociais de poder e de domínio que a determinam.

Dizia que, para Lacan, esta Lei paterna é uma intervenção que vem de fora, do exterior. É, se assim se quiser, “real”. E este real está ligado ao fato – em nada irrelevante – de ser uma cultura masculina, não como efeito de linguagem, mas como consequência das relações de poder exercidas pelos homens sobre as mulheres. Disto resulta que Freud apareça como muito mais “realista” do que Lacan, porque Freud não nos pede que aceitemos que nossos filhos e nossas filhas são castrados do mesmo modo ou no mesmo grau; Freud não sugere que a luta edípica e a iniciação na cultura tenham as mesmas consequências para meninas e meninos.

É verdade que Freud desvia a questão para a biologia. “Anatomia é destino”, disse ele, e ao fazê-lo,

deixa bem claro que neste mundo, nesta cultura patriarcal, não dá na mesma nascer homem ou nascer mulher. Freud mascara as questões de poder sob as diferenças anatômicas, mas aceita circunstâncias importantíssimas:

1 - Que os homens têm privilégios que são vedados às mulheres – que só mulheres são castradas;

2 - que esta diferença gera um certo *mal-estar na cultura*.

Em troca, Lacan nos propõe aceitar que tanto homens como mulheres são castrados, e que assim circulamos, não pela cultura, mas sim pela linguagem. A chave lingüística da psicanálise lacaniana pode permitir que se conceba um avanço na desconstrução cultural da diferença entre os gêneros, mas na realidade, ao substituir a cultura, a história, as relações de domínio, que em seu seio produzem mal-estar, pela lógica universal da linguagem, impede o avanço na compreensão das determinações que produzem mulheres e homens de tal ou qual maneira. Porque a questão é que, ainda que Lacan afirme que tanto homens como mulheres carecem de falo e são castrados, as consequências desta carência não parecem ser as mesmas para uns e para as outras.

Tenho a impressão de que ao mudar o eixo da psicanálise – ao propor uma teoria estrutural da linguagem e um registro simbólico supostamente “neutro” e universalista no lugar de uma concepção do desenvolvimento psicosssexual dos sujeitos – Lacan ajuda pouco a desvelar as origens sociais da construção do gênero, e omite a gênese das assimetrias de poder que caracterizam o patriarcado. Ou seja: uma vez mais, com Lacan, se afirma e se oculta o poder do pai, privilegia-se seu lugar e se protege seu domínio.

É claro que não aludo aqui apenas ao pai real. É claro que a pater-

nidade é uma metáfora, e que não é a mesma coisa a ausência do pai na família e a ausência do pai no complexo de Édipo. Mas aquilo que a psicanálise lacaniana não pode pensar é que fique vazio o lugar de uma Lei que exerce sua influência em todas e em todos, em cada uma e em cada um de nós; lei que garante nossa incorporação ao universo simbólico que é simplesmente que o universo da linguagem regido por uma lógica universal e a-histórica, na qual não tem valor nem a cultura patriarcal, nem a história do domínio masculino.

Pode o gênero “trabalhar” a psicanálise – freudiana ou lacaniana – dentro das instituições?

Talvez a afirmação de Jane Flax²⁰, “a obra de Lacan não pode contribuir muito para os novos conceitos feministas sobre o gênero”, seja um tanto taxativa. Mas sem dúvida nos permite questionar a retórica lacaniana a partir de um Freud dignificado, depois de tantas décadas de críticas feministas. Talvez aquilo que exponho aqui pudesse se resumir a apenas uma questão: pode o gênero “trabalhar” a psica-

nálise – seja esta freudiana ou lacaniana – dentro das instituições? Ou, inevitavelmente, esta será uma tarefa a ser realizada de fora, uma vez que a doutrina transformada em dogma condena ao fracasso qualquer outra iniciativa? ■

NOTAS

1. P. Gay, *Freud. Una vida de nuestro tiempo*, Buenos Aires, Paidós, 1989, p. 494. Quando Freud morreu, encontrou-se entre seus papéis, um envelope que alguma vez conteve dinheiro e que data de, aproximadamente, 1920. Nele se lê: “Para Anna. Contribuição para seu dote ou para sua independência”.
2. S. Freud, Carta endereçada a Anna, de 22 de julho de 1914. “Você é um pouco diferente de Mathilde e Sophie; tem interesses mais intelectuais e não ficará totalmente satisfeita com uma atividade puramente feminina.”
3. E. Rodrigué, *Sigmund Freud. El siglo del psicoanálisis*, Sudamericana, Buenos Aires, 1996, Tomo 2, p.197.
4. S. Freud, carta a Ferenczi, de 23 de junho de 1912.
5. E. Erikson, “Tributo a Anna Freud”, *Bulletin of the Hampsted Clinic*, 1983, Vol. 6, p. 52.
6. *Idem*.
7. P. Gay, *op. cit.*, p. 493. Afirmação compartilhada por Uwe Henrik Peters.
8. Carta de Jones a Anna Freud, de 26 de outubro de 1952. “Que pai teve você! Agora posso compreender plenamente uma observação de seu pai, feita em 1938, em Viena: Anna é mais forte do que eu.”
9. S. Freud, *The letters of Sigmund Freud and Arnold Zweig*, New York, New York University Press, 1970.
10. E. Jones, *Vida e Obra de Sigmund Freud*, Buenos Aires, Editorial Nova, 1962.
11. S. Freud e E. Jones, *The Complete Correspondence of S. Freud and E. Jones, 1908-1939*. Londres, Harvard University Press, 1993.
12. P. Gay, *op. cit.*
13. P. Gay, *op. cit.*
14. P. Roazen, *Freud y sus discípulos*, Madrid, Alianza, 1978, p. 462.
15. E. Rodrigué, *op. cit.*
16. E. Rodrigué, *op. cit.*, “O perfil da quinta paciente incluída em ‘Uma criança é espancada’ nos faz pensar em Anna. Por outro lado, não restam dúvidas de que a paciente de ‘Fantasias de flagelação e devaneios diurnos’ é a própria Anna, até os mínimos detalhes”, o que parece ser também o pensamento de Elizabeth Young-Bruehl (*Anna Freud, uma Biografia*, Londres, Summit Books, 1988).
17. Nisto coincidem quase todos os biógrafos de Freud: Peter Gay, Ernest Jones e Emilio Rodrigué. O caso clínico de “Fantasias de flagelação...” é a própria Anna. Por outra parte, a jovem a quem ela faz referência não poderia ter sido paciente sua. Anna começou a receber pacientes logo depois do Congresso de Berlim.
18. Elizabeth Young-Bruehl, *op. cit.*, opina que o amor de Anna com Dorothy Burlingham jamais se concretizou, mas Michael John Burlingham, o neto de Dorothy, cita uma carta de Anna a Edith Jackson onde ela escreve: “Sinto-me muito envergonhada com estas coisas, especialmente, com relação a meu pai; não conto a ele”.
19. Estes e os outros dados foram retirados de E. Roudinesco, *Jacques Lacan. Esbozo de una vida, historia de um sistema de pensamento*, Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, 1994.
20. J. Flax, *Psicoanálisis y Feminismo. Pensamientos Fragmentarios*, Valencia, Ediciones Cátedra, 1990.